



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

RAJA GABAGLIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DO LIVRO *PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA*

Anziabel Costa Duarte do Rego
Universidade Estadual da Paraíba
anizabel_duarte@hotmail.com

Angélica Mara de Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba
angelica.mara2@gmail.com

Resumo:

Este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso intitulado: Inovações pedagógicas na geografia escolar: uma análise a partir de fontes históricas, no qual abordamos a respeito de recursos didáticos em uma perspectiva histórica, utilizando como fonte de pesquisa a obra “*Práticas de Geographia*” de Raja Gabaglia publicado na década de 1920. Este recorte marca a chegada da Geografia moderna no Brasil que tem influências escolanovistas. A obra de Raja Gabaglia apresenta os conteúdos da Geografia para o ensino secundário e como estes podem ser abordados a partir de diferentes recursos didáticos. Assim, percebemos que a obra analisada marca uma nova forma de ensinar, por meio de aulas práticas, através de um ensino ativo sendo Raja Gabaglia um dos autores que contribuíram para a disseminação de uma Geografia moderna.

Palavras-chave: Recursos didáticos. Raja Gabaglia. Geografia escolar.

INTRODUÇÃO

Desde sua formação – final do século XIX –, a Geografia escolar no Brasil era vista como disciplina que contribuía para disseminar os valores patrióticos nacionalistas (SILVA, 2008), através de uma lógica conteudista, priorizando uma prática mnemônica e listas de nomenclaturas, valorizando as belezas naturais e as potencialidades do território. Com a inserção dos ideais escolanovistas no país, por volta de 1920, houve a disseminação de novas práticas escolares, com metodologias que possibilitassem aos alunos a criticidade e assim produzirem suas próprias análises.

Buscando modificar as práticas escolares, os escolanovistas foram responsáveis por instaurar uma Geografia de orientação moderna em sala de aula. Tem destaque nessa época o professor Carlos Miguel de Delgado de Carvalho “autor de livros didáticos, e um divulgador entusiasmado de propostas inovadoras para as práticas



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

escolares” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 23), que trouxe da Europa ideais que iam de encontro a forma de ensino que se caracterizava no Brasil.

Junto a Delgado de Carvalho, outros autores como Raja Gabaglia, Honório Silvestre e Everardo Backheuser se destacaram na busca por uma Geografia moderna dedicando-se à elaboração de currículos, a formação de professores, a elaboração de propostas de práticas metodológicas ou de livros didáticos (ALBUQUERQUE, 2011).

Nesse contexto, reconhecendo a importância das fontes históricas dessa época, objetivamos analisar a importância dos recursos didáticos trabalhados na obra *Práticas de Geographi* do autor Raja Gabaglia.

Para tanto, inicialmente, apresentamos o autor Raja Gabaglia e suas contribuições para Geografia escolar. Em seguida, mostramos as prescrições metodológicas a partir do livro analisado. E, por fim, as inovações pedagógicas na Geografia escolar a partir do uso dos recursos didáticos presentes na obra *Práticas de Geographi* chegando as considerações finais.

SOBRE RAJA GABAGLIA E SUA IMPORTÂNCIA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Poucos são os estudos sobre a vida do professor Fernando Antônio Raja Gabaglia. Encontramos no trabalho de Machado (2000) algumas contribuições sobre a vida desse autor, afirmando que este apresentou importantes contribuições para a renovação e difusão da Geografia no Brasil. Juntamente com Delgado de Carvalho, Everardo Backheuser e outros professores e pesquisadores, Raja Gabaglia objetivava fundar a nova escola de Geografia e desenvolver uma classificação para o território e para a população brasileira:

Para Raja Gabaglia, a disciplina Geografia auxiliaria a construção da sociedade, uma vez que instrumentalizaria as atividades do Estado na execução de estradas, nos mapeamentos, nos levantamentos de recursos, etc. Enfim, a disciplina Geografia forneceria ao Estado um domínio do território e, conseqüentemente, a possibilidade de realização da tão aclamada identidade nacional (MACHADO, 2000, p. 133).

Ainda de acordo com esta autora, Fernando Antônio Raja Gabaglia atuou tanto no campo da Geografia quanto no da política educacional brasileira. Foi professor do ensino secundário no Colégio Pedro II, autor de livros didáticos e um dos fundadores do



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atuou também como Secretário de Educação do Distrito Federal (1944) e Diretor de Colégio Pedro II. Junto com seu irmão João Capistrano Raja Gabaglia, contribuíram para a formação do Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (MACHADO, 2000).

Ao lado de Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia elaborou o currículo do Colégio Pedro II e participou de discussões sobre a Escola Nova. Sobre tal feito, Delgado de Carvalho reconhece:

A este propósito tenho o prazer de dizer que o jovem professor de geographia em cujas mãos se acham os destinos do actual programma do Collegio Pedro II, meu illustre amigo e collega, sr F. Raja Gabaglia, se acha francamente contrário a orientação medieval que até hoje respeitou. Espírito formado na nova escola geographica, conhecedor das melhores obras estrangeiras sobre o assumpto, ele se acha em condições de emprender a grande reforma de que necessitamos tanto (CARVALHO, 1925, p.8).

Com a proximidade de ambos, buscaram inovar os métodos para se trabalhar a Geografia pátria e objetivaram tornar a Geografia mais moderna, baseando-se nas práticas humanas. De acordo com Ferreira (2012) “lutavam por um ensino de Geografia que não mais se pautasse na descrição densa dos conteúdos e nas numerosas discussões da Geografia de outros países” (p.134). Sobre a inovação trazida por este professor, Delgado de Carvalho ainda afirma:

Como exemplo do que serão os programmas do futuro, apesar de muito senões, apesar de lacunas, parece-nos que os programmas de Geographia do Collegio Pedro II representam um novo typo do maximo a exigir em um mínimo de pontos. Os professores Fernando Raja Gabaglia e Honório Silvestre não recuaram diante de uma inovação radical e assumiram, pode-se dizer, uma attitude peremptória diante da opinião publica pedagógica. Não esboçaram timidamente um gesto no sentido dos methodos modernos, fizeram tabula rasa e construíram um novo edificio, consultando o que havia de melhor, à luz dos interesses da educação nacional (CARVALHO, 1925, p.23).

Apesar das poucas obras sobre a vida e as contribuições de Fernando Raja Gabaglia para a educação, percebemos que assim como Delgado de Carvalho, este autor foi de grande importância para a disciplina de Geografia, buscando a modernização desta, a partir de novas práticas metodológicas, como veremos adiante.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

PRESCRIÇÕES METODOLÓGICAS A PARTIR DE *PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA*

Como foi visto, Fernando Raja Gabaglia contribuiu para o ensino de Geografia, reconhecendo a importância deste autor, nesse tópico analisaremos o seu livro *Práticas de Geographia*, editado pela Francisco Alves. Quanto ao ano de publicação não foi possível identificar com precisão, constando na ficha catalográfica apenas 192-, devido ao mal estado de conservação da obra. Esta está disponível em tela na biblioteca do Colégio Pedro II, portanto tivemos acesso apenas ao arquivo digitalizado da mesma.

A obra contém 234 páginas, organizada em tarefas práticas, divididas em quatro eixos: I- Demonstrações e Experiência, no qual o autor demonstra experiências, por meio de instrumentos práticos, de alguns fenômenos geográficos, como a formação das chuvas, a influência da temperatura das águas na formação da corrente marítima; II- Determinações diversas, apresenta conceitos da Geografia e aborda sobre os fusos horários, os processos de orientação, o clima, os ventos entre outros; III- Trabalhos gráficos e plásticos; nesse eixo são apresentados as representações cartográficas, com trabalhos gráficos e de escala; finalmente temos o eixo IV- Leitura de cartas, no qual ele apresenta diferentes formas e utensílios que servem para medir cartas.

Após os eixos, encontramos outras divisões que apresentam os dados e estatísticas para a construção de diagramas e cartogramas, dividido por temáticas de Geografia física, Geografia política e Brasil. Em seguida, temos o Glossário de termos técnicos, no qual são explicados alguns termos presentes no livro. E por fim, as notas, apresentando a grafia de alguns nomes geográficos (estrangeiros e nacionais), o material de um gabinete de Geografia, e em seguida algumas referências de medidas descritas em tabelas.

No início da obra, Gabaglia (192-) faz uma recomendação para o público ao qual deve se destinar esta:

O ensino de Geographia deve ter sempre um cunho pratico. Para atender a este objetivo é que organizamos o presente livro, que servirá de guia nas aulas praticas para os professores e os alunos de Geographia Geral e Chorographia do Brasil do Collegio Pedro II, dos institutos a ele equiparados e, em geral, de todos os estabelecimentos de ensino secundário e normal do paiz (p. 7).



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Desta forma, percebemos que esta obra serviria para os alunos exercitarem os conhecimentos adquiridos nas aulas de Geografia e, como um manual para os professores, organizarem suas aulas de forma mais prática, uma vez que, podemos observar que junto às atividades há uma espécie de manual do professor, mostrando cada passo os procedimentos metodológicos. Assim, percebemos como esta obra é importante para se entender as metodologias da época.

Ferreira (2012) mostra que este manual do professor apresentado por Gabaglia, é uma forma de inovação “o que pode dizer que é mais um artefato metodológico que visa garantir a aplicação das atividades exatamente como pensadas e organizadas pelo autor” (p.119). Esta autora também chama atenção para as modificações na produção do livro, apontando as mudanças no tamanho da letra, na quantidade das imagens e no trato das mesmas, na qualidade dos conteúdos em forma de texto corrido e na forma de abordar os conceitos.

Nessa obra analisada, percebemos uma abordagem de conhecimento mais prático, a partir da introdução dos estudos geográficos. São trabalhados a construção de mapas e escalas, as formas de representação do relevo, a determinação da distância de lugar, entre outras formas de se aprender Geografia de forma mais prática. Para Raja Gabaglia, esse saber mais prático era possível quando os estabelecimentos possuíssem um Gabinete de Geografia. Segundo ele, o Gabinete de Geografia seria composto por aparelhos de projeção fixa, coleções de diapositivos, gravuras e vistas fotográficas, coleção de estereogramas, tabuleiros de areia, coleções diversas, bússolas e uma pequena biblioteca. Este espaço, composto de diversos recursos didáticos, proporcionaria o método de ensino ativo.

Com isso, percebemos que Raja Gabaglia apresentava uma resistência ao ensino mnemônico da Geografia, baseado na repetição e memorização dos conteúdos. Pretendia uma forma de ensinar mais ativa, a partir da experimentação, da prática e da comparação.

Buscando atender à exigência de um novo Programa para o ensino de Geografia, através de métodos novos e modernos, professores como Raja Gabaglia, Delgado de Carvalho e Honório Silvestre, iam ao estrangeiro buscar esses métodos e adaptá-los a educação nacional, propondo uma nova forma de ensinar Geografia com currículos mais



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

modernos. A obra de Raja aborda conteúdos indicados pelo Programa, quando trabalha os conteúdos a partir de experiências e exercícios (FERREIRA, 2012).

Ao analisar o livro *Praticas de Geographia* percebemos, através dos conteúdos presentes na obra, que o mesmo é voltado para Geografia física. Durante toda a obra, o autor apresenta o conteúdo e uma experiência ou recurso que possa servir para maior compreensão do aluno sobre os temas dessa área geográfica. Adiante veremos os recursos ou materiais didáticos que eram sugeridos nesta obra.

INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR A PARTIR DO USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS PRESENTES NA OBRA *PRÁTICAS DE GEOGRAPHIA*

Já vimos que a obra de Raja Gabaglia inovou no que se refere a estrutura do livro (imagens, texto corrido, forma de abordar os conceitos) e nas propostas metodológicas do mesmo. Diante disto, analisaremos agora as inovações a partir do uso de recursos didáticos que estão prescritos neste. Como durante toda a obra o autor utiliza diversas experiências práticas, apresentaremos algumas.

Inicialmente, o autor mostra o Telúrio, segundo ele, entre os diversos modelos os mais utilizados nos liceus e colégios era o Lange, este equipamento serviria para se ter a noção dos dois principais movimentos da Terra. Em seguida, ele apresenta um experimento de Plateau que servia para mostrar a forma elipsoide da Terra, para tanto seria utilizado: água, álcool, azeite de oliva e um vaso para se colocar a mistura. Com esta mesma temática ele apresenta a experiência dos anéis de aço, conforme podemos ver na figura:



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

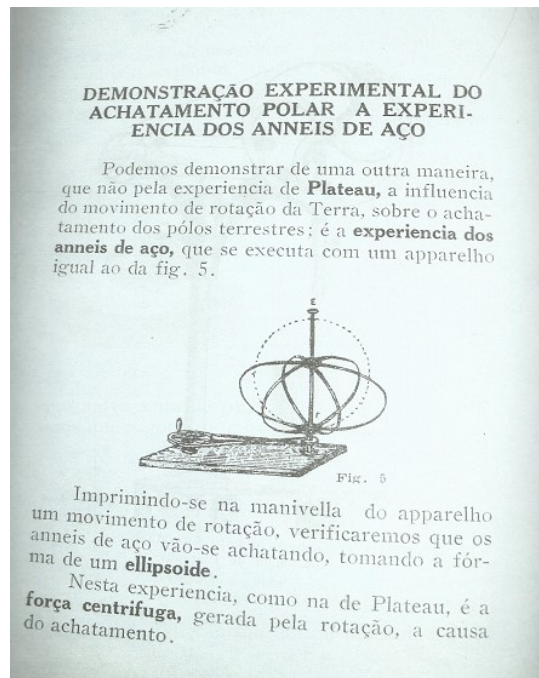


Figura 1: Exemplo do experimento dos anéis de aço.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Continuando, Raja Gabaglia apresenta várias experiências, dentre elas “Experiências relativas a formas do relevo terrestre”. Nesta parte, ele mostra a formação de rugas da crosta terrestre, por meio do aparelho Hall-Meunier, e também a formação de dunas, como podemos ver na figura abaixo:



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

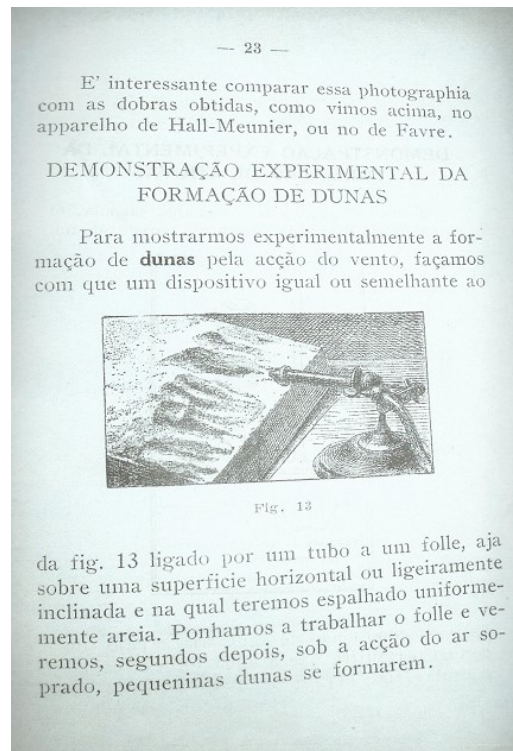


Figura 2: Exemplo de formação de dunas.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

O tabuleiro geológico é um recurso apontado também nessa obra analisada. Então, Raja Gabaglia vai mostrar o uso desse recurso para demonstrar a ação das águas no modelado de terra “neste aparelho, que passamos a chamar tabuleirogeologico, a agua cairá em chuva fina; essa agua virá de uma torneira que se possa fechar mais ou menos” (GABAGLIA, 192-, p. 26). Os experimentos que seguiram com o uso desse recurso eram: “demonstração da acção das chuvas, das torrentes e das enxurradas”; “demonstração da acção dos rios”; “demolição e contrucção do litoral pelas vagas”; e “demonstração experimental da formação de estuário e delta”. Podemos ver nas figuras abaixo o uso desse recurso.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

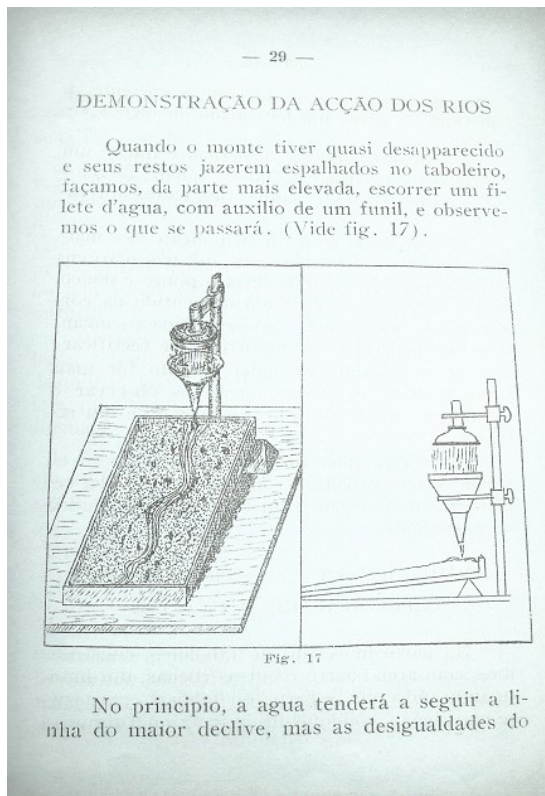
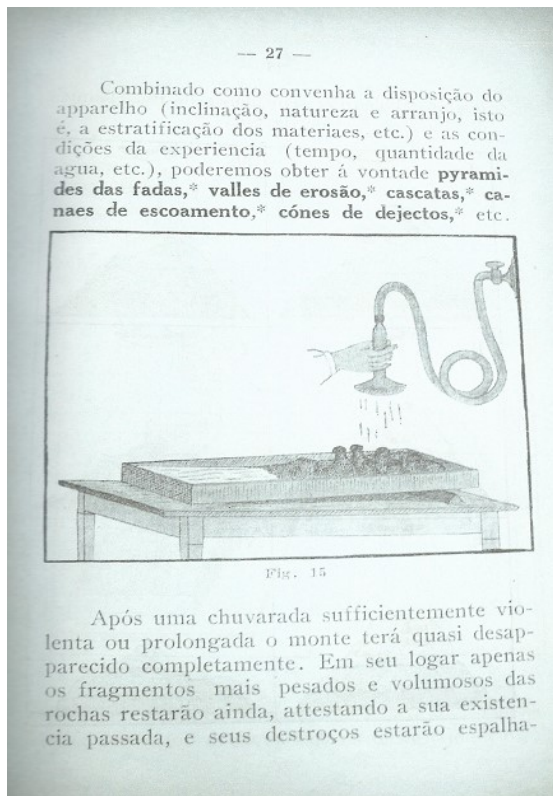


Figura 3 e 4: Exemplo do uso do tabuleiro
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Percebemos que este recurso poderia ser mais utilizado hoje em dia nas aulas de Geografia. Por ser uma ferramenta fácil de montar, abranger diferentes conteúdos e, dependendo do uso, possibilitar a criatividade do aluno.

Após apresentar diferentes maneiras de se orientar Raja Gabaglia aponta a bússola como um recurso que ajuda na orientação. Ele enfatiza o fato de a bússola apresentar o norte magnético, sendo necessário um ajuste para mostrar o norte geográfico. Também aponta o uso desta para determinação do meio-dia solar. Quando se aborda sobre a determinação da latitude, uma das formas apontadas na obra é através do recurso do globo terrestre. Apesar da bússola não ser um instrumento novo para época, notamos que seu uso em sala de aula é caracterizado como uma inovação, levando o aluno a aprender a utilizar o equipamento e assim compreender como se orientar.

Notamos outra preocupação com a orientação, quando Raja Gabaglia aponta o quadrante solar, um recurso para a determinação do tempo solar verdadeiro. Na figura 5 podemos ver a explicação deste equipamento. E, em seguida, ele apresenta a resposta que o equipamento pode trazer, “quando o mostrador é paralelo ao equador e, por



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

consequente, perpendicular ao ponteiro, o quadrante é equatorial; si o mostrador é horizontal, o quadrante é dito horizontal; si o mostrador está num plano vertical qualquer, o quadrante é chamado vertical declinante [...]” (GABAGLIA, 192-, p. 68). A utilização deste é também apontada para determinação da hora solar verdadeira.

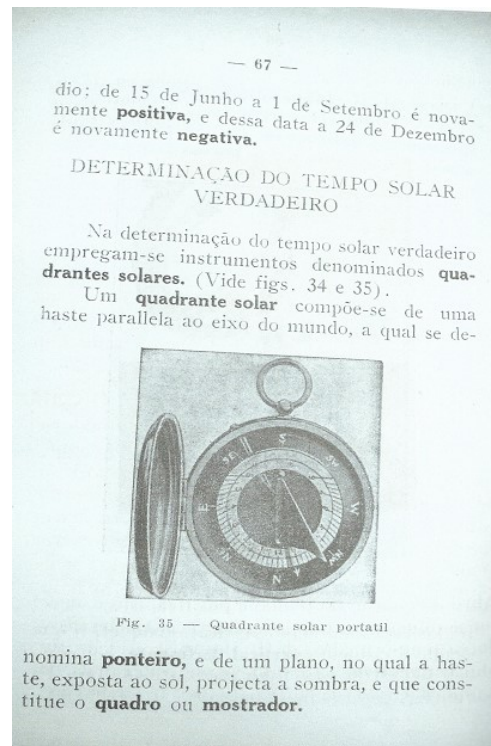


Figura 5: Exemplo do Quadrante solar
Fonte: GABAGLIA, 192-.

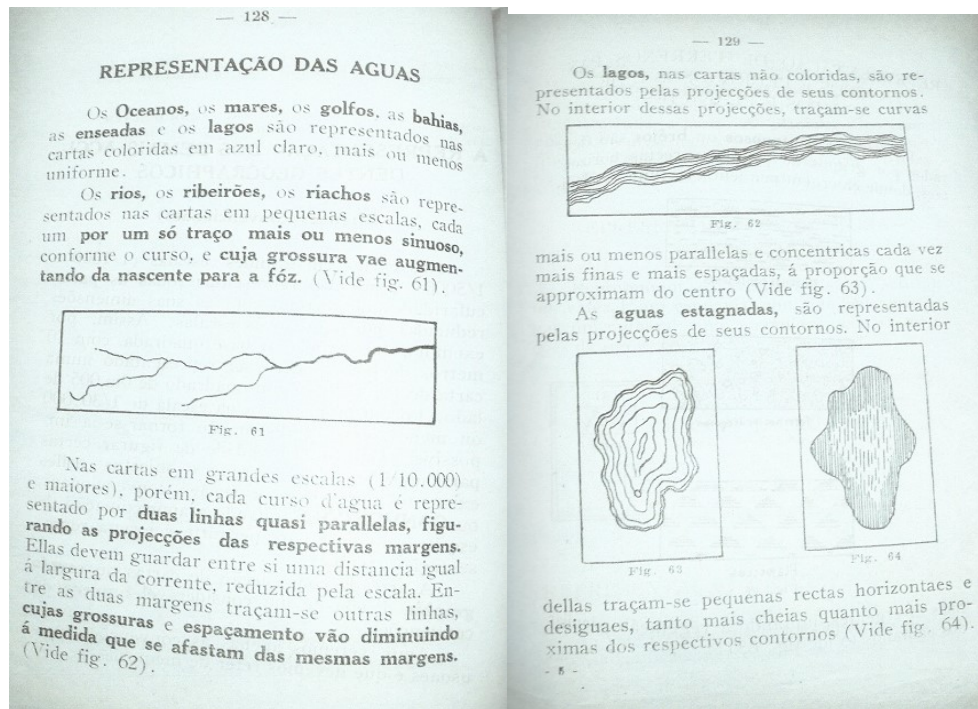
Gabaglia também se preocupou com outras questões, como os fusos horários, apresentando o planisfério como um recurso para compreender melhor a diferença de horário. Também apresenta o termômetro, para medir temperaturas, o barômetro para medir a pressão atmosférica e o pluviômetro para medição de chuvas. Estes são recursos que o autor apresenta como forma de analisar o clima e os seus elementos. Notamos que alguns deles ainda estão presentes nas aulas de Geografia, principalmente o planisfério.

As cartas geográficas são apresentadas para o uso nas representações do relevo, na representação de acidentes geográficos, na representação das águas, de culturas agrícolas, e de cidades e vilas. Vejamos nas figuras abaixo um uso desse recurso.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia



Figuras 6 e 7: Exemplos do uso de cartas geográficas.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

O Pantógrafo é um recurso que deve ser utilizado “si quizermos uma copia com certa exactidão, é de toda conveniência recorreremos a um aparelho especial que se denomina pantographo” (GABAGLIA, 192-, p. 140). Também encontramos o uso de digramas e cartogramas, nessa obra, que segundo Raja Gabaglia:

Diversos phenomenos e factos de GeographiaPhysica, de GeographiaPolitica e de GeographiaEconomica podem ser expostos, localizados ou representado graphicamente mediante desenhos adequados e esbôços cartográficos, construidos segundo determinadas regras. Esses desenhos e esbôçoscontituiem os diagrammas e os cartogrammas (GABAGLIA, 192-, p. 145).

Segundo Gabaglia (192-) essas representações gráficasse diferenciavam pelo fato do diagrama ser a representação gráfica de um fenômeno por figuras geométricas e o cartograma seria um “mappa geográfico schematico sobre o qual são lançadas informações e estatísticas representadas por meios convencionaes” (GABAGLIA, 192-, p. 145).

Essas representações gráficas, junto as cartas geográficas são uma forma de conhecer o território, uma preocupação de Raja Gabaglia apontada por Machado (2000)



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

“a disciplina Geografia forneceria ao Estado um domínio do território e, conseqüentemente, a possibilidade de realização da tão aclamada identidade nacional” (p.133).

Por fim, Raja Gabaglia apresenta a importância da leitura de cartas: “lêr uma carta é interpretar sobre ella todas as particularidades do terreno figurado” (GABAGLIA, 192, p. 175). Diante disto, apresenta alguns aparelhos que possa medi-las, conforme a figura:

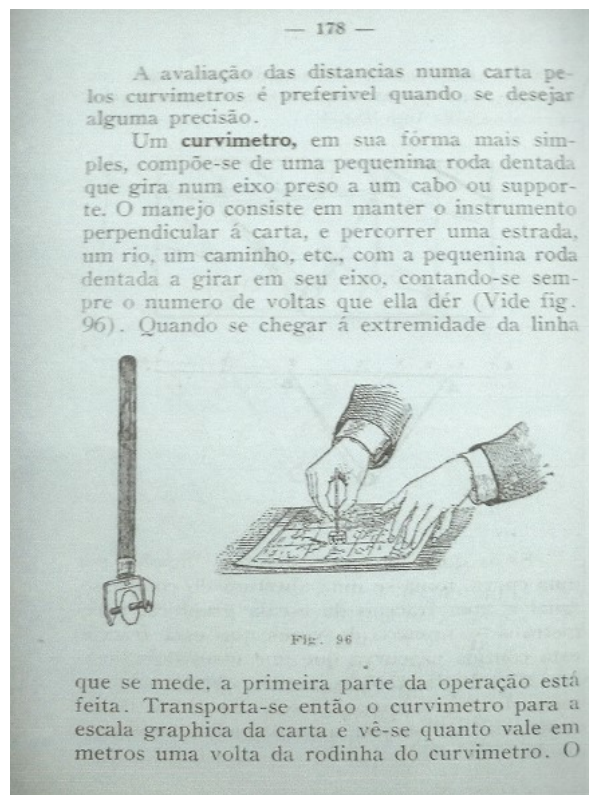


Figura 8: Exemplo do uso do curvimetro.
Fonte: GABAGLIA, 192-.

Esse é um curvimetro, utilizado quando se desejar ter uma precisão. E quando se desejar obter uma avaliação da área de um terreno, deve-se utilizar o equipamento chamado de planímetro. E assim, Raja Gabaglia finaliza mostrando esses equipamentos que servem para medir cartas de diferentes maneiras.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos os diferentes recursos indicados na obra *Praticas de Geographia* todos para auxiliar na prática do professor, para que fosse deixado de lado um ensino tradicional, e adotado um ensino moderno preocupado com a aprendizagem do aluno.

Acreditamos que o que se pretendia era estimular o aluno a pensar, a partir de experiências práticas, com auxílio de recursos didáticos, levando o aluno a aprender, compreendendo os fenômenos, diferentemente das listas de nomenclaturas que presavam pelo memorizar, sem instigar o pensamento dos alunos.

Sendo assim, o livro de Raja Gabaglia marca uma nova forma de ensinar Geografia, por meio de aulas práticas, com a utilização de diferentes recursos que promovessem a curiosidade e a participação do aluno no processo de aprendizagem, por meio de um ensino ativo, seguindo uma orientação moderna na Geografia escolar.

A obra de Raja Gabaglia, apesar de antiga, é um material que pode auxiliar na nossa prática de professor atualmente, principalmente nas aulas de Geografia física, que são mais complicadas de se entender quando se segue uma forma de ensino tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Dois Momentos na História da Geografia Escolar: a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Rio de Janeiro, v.1 n. 2. 2011. p. 19-51.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico**. Petropolis: Typographia das Vozes de Petropolis, 1925.

FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa. **Os exercícios nos livros didáticos de geografia no Brasil: mudanças e permanências (1980-1930)**.(Dissertação de mestrado). UFPB: João Pessoa, 2012.

GABAGLIA, Raja. **Praticas de Geographia**.Livraria Francisco Alves. 192-.

MACHADO, Mônica Sampaio. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro.In: **GEOgraphia**. Ano. II. Nº. 3, 2000.

SILVA, Rosana Nogueira. **O movimento educacional escolanovistas e a Geografia como disciplina escolar- permanência e mudanças**. João Pessoa. UFPB, 2008